

Batuque repercute para além dos guetos

Cursos de percussão popularizam ritmo e vocabulário negro e rompem barreiras sociais

Integrantes do Maracatu Nação Pernambuco, que está abrindo turmas extras para o Carnaval



Leticia Pontes
ESPECIAL PARA O DIÁRIO

Há quase uma década Chico Science já dizia: "Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu, tudo bem envenenado, bom pra mim, bom pra tu, pra gente sair da lama e enfrentar os urubus". Como num presságio, o poeta exaltava

riam da "lama" e conquistariam tantas tribos. Do maracatu passando pelo samba, côco e até ciranda, este cenário que antes se limitava aos guetos dos morros e terreiros de candomblé começa a se decompor. Hoje, pode-se ver não só o surgimento de espaços alternativos,

do batuque e cursos pipocando para todos os lados.

É sintomática a procura por aulas de percussão no período carnavalesco. Contudo, vale lembrar que o reconhecimento não é de hoje. Segundo Márcio Carvalho, mestre de percussão e coordenador do Maracatu

marginalizado devido ao candomblé. A partir daí veio a valorização". O mungueut teria sido, portanto, um empurrão ao reencontro dos ritmos locais e suas origens. "Não é um fenômeno pernambucano. Está havendo um movimento de revisitação às raízes, no Brasil e no Mundo".

Wilson duplicou o número de alunos e ganhou vários "estagiários" de outros Estados.

O número de aficionados pela batucada aumenta a cada ano. Palestras como alfalaia, caixa, agogô, timbal, gonguê, vão se tornando familiares. Possivelmente pelo professor Jorge Mar-

alunos e mais de 60 inscrições em mepage, além de crianças "adidas" de comunidades carentes são oferecidas oficinas de ritmos como maracatu, samba, jagoé, baião, côco, libre, entre outros. A demanda intensa também é o Maracatu Nação Pernambu-

Leticia Pontes
ESPECIAL PARA O DIÁRIO

Há quase uma década Chico Science já dizia: "Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu, tudo bem envenenado, bom pra mim, bom pra tu, pra gente sair da lama e enfrentar os urubus". Como num presságio, o poeta exaltava o universo da percussão e dos ritmos regionais sem saber que enfim sai-

riam da "lama" e conquistariam tantas tribos. Do maracatu passando pelo samba, côco e até ciranda, este cenário que antes se limitava aos guetos dos morros e terreiros de candomblé começa a se decompor. Hoje, pode-se ver não só o surgimento de espaços alternativos, mas também a conquista de novos públicos, como a classe média e os estrangeiros. É a supervalorização

do batuque e cursos pipocando para todos os lados.

É sintomática a procura por aulas de percussão no período carnavalesco. Contudo, vale lembrar que o reconhecimento não é de hoje. Segundo Márcio Carvalho, mestre de percussão e coordenador do Maracatu Camaleão, "Science começou um processo de desmistificação do tambor, que antes causava medo e era

marginalizado devido ao candomblé. A partir daí veio a valorização". O *manguebeat* teria sido, portanto, um empurrão ao reencontro dos ritmos locais e suas origens. "Não é um fenômeno pernambucano. Está havendo um movimento de revisita às raízes, no Brasil e no Mundo", aposta Wilson Farias, mestre da *Oficina de Percussão do Morro da Conceição*. Somente no último ano, o grupo de

Wilson duplicou o número de alunos e ganhou vários "estagiários" de outros Estados.

O número de aficionados pela batucada aumenta a cada ano. Palavras como alfaia, caixa, agogô, timba, gonguê, vão se tornando familiares. Presidido pelo professor Jorge Martins, também integrante do Cascabulho e do Maracatu Estrela Brilhante, o *Corpos Percussivos* tem mais de 100

alunos e mais de 60 inscritos na homepage, além de crianças "adotadas" de comunidades carentes. Lá são oferecidas oficinas de diversos ritmos como maracatu, samba, afoxé (ageixá), baião, côco, forró, entre outros. A demanda intensa também fez o Maracatu Nação Pernambuco criar turmas extras, através das quais eles deverão selecionar pessoas para desfilar no Carnaval.